

# Os bancos preparam-se para mais uma rodada de negociação com o Brasil

por Reginaldo Heller  
do Rio

Os principais bancos credores, especialmente os norte-americanos, já se estão preparando para a próxima rodada de negociações em torno do giro da dívida externa brasileira, que deverá ter início no segundo semestre deste ano. Examinam, cautelosamente, a possibilidade de diferir uma parcela de seus lucros neste primeiro semestre do ano, retendo-se para a formação de reservas caso o governo brasileiro venha a endurecer os termos da negociação.

Segundo cálculos publicados na revista americana Fortune, na edição de 16

de abril último, para cada ponto percentual de redução nos juros dos empréstimos, a perda de receita dos bancos equivale a cerca de 3%. Apenas com os quatro maiores devedores da América Latina — Argentina, Brasil, México e Venezuela —, a perda estimada seria da ordem de 12%. Estima-se que o Brasil vai precisar de cerca de US\$ 4 bilhões para cobrir o déficit em conta corrente em 1985.

Ouvido por esse jornal, o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, disse que a tentativa de fortalecer a posição dos bancos é uma reação natural à medida que, também, a posição brasileira tende a se fortalecer.

Ele estima que o superávit comercial poderá atingir US\$ 10 bilhões, e o saldo de reservas cambiais, hoje de US\$ 2 bilhões, poderá ser ainda maior. Como as negociações ocorreram após a fase mais dramática de ajustamento da economia e simultânea às grandes decisões políticas, os banqueiros estariam vislumbrando dificuldades na negociação. Afinal, há pressões internas poderosas para uma retomada do crescimento tão logo a taxa de inflação se consolide em patamares mais favoráveis.

Outros economistas com acesso aos dirigentes de bancos estrangeiros, admitiam, inclusive, que a persistência das autoridades em não renegociar nenhuma das metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), especialmente a questão da base monetária, reside, exatamente, nessa hipótese. Ou seja, evitar qualquer enfraquecimento de posição, assegurar o nível de reservas pela não interrupção do fluxo das parcelas do empréstimo-“jumbo” contratado com os bancos e enfrentar as negociações com os credores privados de uma posição mais forte.

A decisão, portanto, dos banqueiros, conforme salienta a revista Fortune, é de garantir reservas contra os empréstimos ao Brasil, eventualmente não honrados.